



LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE ENFERMAGEM

DESAFIOS DA ENFERMAGEM NA ASSISTÊNCIA AO SURDO

ITACIANE DE SOUZA ALVES
Prof. Msc. Ramon Evangelista dos Anjos Paiva

NATAL/RN
2015

ITACIANE DE SOUZA ALVES

DESAFIOS DA ENFERMAGEM NA ASSISTÊNCIA AO SURDO

Artigo científico apresentado ao curso de graduação de enfermagem do Centro universitário do Rio Grande do Norte, como requisito final à conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso – II.

Orientador: Prof. Msc. Ramon Evangelista dos Anjos Paiva.

RESUMO

Introdução: O último censo demográfico estima que 5,1% da população brasileira possuem severa perda auditiva. A surdez compromete a comunicação e no âmbito da saúde pode gerar repercussões que transpõem o momento da assistência. **Objetivo:** Descrever acerca dos desafios que permeiam o processo de comunicação entre profissionais de enfermagem e o paciente surdo. **Método:** Trata-se de uma revisão integrativa de abordagem qualitativa. A busca foi realizada nas bases de dados: LILACS, BDNF e MEDLINE, através dos termos: “Cuidados de enfermagem” AND “Surdez”, “enfermagem” AND “libras” e “surdez” AND “estratégias de comunicação”. Foram selecionados artigos em língua portuguesa disponibilizados na íntegra publicados entre 2010 e 2014. **Resultados:** Oito artigos foram selecionados e sistematizados em três categorias empíricas: Dificuldades que permeiam o processo de comunicação; formas de linguagem predominantes na interação profissional-paciente surdo; e preparo profissional para atuar junto ao surdo. As categorias são complementares e conduzem para uma visão principal, que corresponde à necessidade de mudanças no cenário atual da assistência ao surdo, por evidenciar principalmente a falta de preparo dos profissionais e dos serviços para acolher, interagir e intervir no processo saúde-doença do indivíduo surdo. **Conclusão:** Os principais desafios verificados estão pautados na falta de reconhecimento da Libras, na ausência de intérpretes nos serviços de saúde e na ineficácia e/ou inexistência de métodos alternativos de comunicação.

Palavras-Chave: Enfermagem, Comunicação, Surdez.

ABSTRACT

Introduction: The last demographic census esteem that 5,1% of the Brazilian population had severe hearing loss. The deafness commits the communication and in the context of health can generate repercussions that transposing the moment of assistance. **Objective:** To describe about the challenges that permeate the communication process between nursing professionals and the deaf patient. **Method:** It is an integrative review of qualitative approach. The search was performed in the databases LILACS, MEDLINE, and BDENF through the terms: "nursing care" and "deafness", "nursing" and "Libras" and "deafness" and "communication strategies". Were selected articles in Portuguese language available in full published between 2010 and 2014. **Results:** Eight articles were selected and systematized in three empirical categories: difficulties that permeate the communication process; forms of language predominant in professional interaction with deaf patient; and professional preparation to act close to the deaf. The categories are complementary and lead to a main vision, which corresponds to the need for changes in the current scenario of assistance of the deaf, by highlighting especially the lack of preparation of the professionals and services for receive, interact and intervene in the health-disease process of deafness. **Conclusion:** The main challenges checked are guided in the lack of recognition of Libras, in the absence of interpreters in health services and ineffectiveness and/or lack of alternative methods of communication.

Key Words: Nursing, communication, deafness.

1 INTRODUÇÃO

A função auditiva nos seres humanos é formada por um complexo sistema que depende da emissão de um som audível capaz de fazer vibrar um meio, partículas são geradas e a energia de vibração se propaga pelo ar, no entanto, nem toda vibração produz som audível. O encéfalo realiza a decodificação de impulsos elétricos gerados no ouvido interno por meio de movimentos na membrana basilar que estimulam o órgão de corti, assim, somos capazes de atribuir sentido aos sons que identificamos (RUI, 2007).

A limitação auditiva pode ser identificada através da perda parcial ou total da percepção aos estímulos sonoros por motivos patológicos, lesões, ou alterações congênitas ou genéticas desde sua formação. Em alguns casos, a deterioração auditiva chega naturalmente com o envelhecimento (HIDAL, 2008).

A assistência de enfermagem é pautada no cuidar e amparada por conhecimentos científicos construídos ao longo dos anos, esse cuidado se concretiza através do contato direto com o paciente. Desde o primeiro momento, o profissional enfermeiro deve reconhecer limitações que possam impedir ou dificultar essa interação a fim de superá-las e satisfazer as necessidades do indivíduo que apresenta sua condição de saúde fragilizada, especialmente quando são deficientes (PAGLIUCA; MAIA, 2012).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o censo demográfico de 2010 estimou uma parcela de 5,1% da população brasileira com severa perda da capacidade auditiva. Essa parcela considerável de brasileiros necessita de adequadas condições de acessibilidade, que lhes garanta inserção social sem que haja prejuízos decorrentes de sua condição. [...] em qualquer âmbito da saúde se faz necessário à comunicação clara e eficiente (BRASIL, 2006).

Nos serviços de saúde, habilidades para comunicação interpessoal são indispensáveis na assistência a qualquer indivíduo, pois o manejo das ações de saúde é determinado pelas informações obtidas por meio da comunicação, no entanto, esse processo permanece negligenciado para as pessoas surdas. Dessa maneira, compreender a interação entre o profissional de enfermagem e a pessoa surda é condição necessária para qualificar e humanizar os serviços prestados à população (ARAÚJO, 2013).

Com vistas à assistência de enfermagem, se faz necessário estabelecer um contato mútuo com pacientes, onde haja troca de informações, sem prejuízo das mesmas. É responsabilidade do serviço, adaptar-se ao paciente, cabe aos profissionais incluí-los, acolhê-los.

[...] o deficiente auditivo sofre muito preconceito e passa pela dificuldade de vivenciar situações de exclusão social. Devido à falta de conhecimento sobre suas limitações e à vivência de situações negativas, na maioria das vezes, o portador de deficiência auditiva é visto como rebelde ou como uma pessoa introspectiva que não revela seus sentimentos (AGUIAR; MARCUCCI, 2009, p.147).

Os profissionais de enfermagem precisam se conscientizar quanto à importância na utilização da linguagem não verbal na assistência, uma vez que 55% do que pensamos é expresso através de sinais corporais. Desse modo, o uso da Libras pode valorizar o atendimento e ampliar a qualidade dos serviços, por ser considerada a mais importante ferramenta utilizada na comunicação com o deficiente auditivo, sendo ela a linguagem dos surdos e a segunda língua oficial no Brasil (AGUIAR; MARCUCCI, 2009).

No decorrer do trabalho será considerado aspectos fisiológicos da audição, a surdez e sua correlação ao uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras), sobre as relações de comunicação entre enfermeiro e o paciente surdo, e os principais aspectos que desafiam essa assistência, nossa matéria prima maior.

Diante do exposto fez-se o seguinte questionamento: Quais os principais desafios evidenciados na assistência de enfermagem ao paciente surdo?

Este trabalho tem como proposta, buscar respostas a estas indagações, através de levantamento de trabalhos publicados em base de dados eletrônica, de modo a analisar, relacionar e expor de forma científica todos os dados utilizados na revisão integrativa.

A escolha do tema deve-se a necessidade de expansão da comunicação em Libras na assistência à saúde, percebida através de estudos que expõem as dificuldades encontradas na comunicação entre enfermeiro e pacientes deficientes auditivos; bem como, pelo reconhecimento da Libras como segunda língua oficial do Brasil, pela lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, com vista aos princípios doutrinários do Sistema único de Saúde.

O interesse pela temática surgiu após cursar a disciplina de ‘Libras’ na grade acadêmica do curso de enfermagem. A experiência apesar de bastante atrativa e edificante mostrou-se insuficiente considerando o principal objetivo, que é comunicar e interagir com um indivíduo portador de surdez. Desse modo, iniciou-se a busca por artigos que abordassem as relações entre profissionais enfermeiros e pacientes surdos.

Esta pesquisa torna-se viável em virtude da existência de trabalhos científicos que abordam as relações enfermeiro e portador de surdez, apesar da quantidade limitada de publicações, evidenciam dificuldades nesse processo interativo.

Assim, estudos como estes podem contribuir com o fortalecimento da temática, por evidenciar a necessidade de expansão e aprimoramento por parte dos profissionais de enfermagem em relação aos conhecimentos em Libras, destacara Libras como instrumento de inclusão social indispensável à assistência, e por acrescentar informações sobre uma prática assistencial de enfermagem mais humanizada.

O principal objetivo traçado visa descrever os principais desafios que permeiam o processo de comunicação entre profissionais de enfermagem e pacientes portadores de surdez, através de análise a produção científica existente, que nos permite conclusões gerais baseadas no método de revisão integrativa. Como objetivos menores: evidenciar as principais dificuldades mencionadas nos estudos analisados; identificar as principais formas de linguagem estabelecidas durante a assistência dos profissionais de enfermagem ao indivíduo surdo; Verificar o preparo profissional para atuar junto ao surdo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ANATOMIA E FISIOLOGIA DO APARELHO AUDITIVO

A orelha externa, média e interna constitui anatomicamente o aparelho auditivo nos seres humanos. A amplitude da audição humana varia entre indivíduos e diminui com o avanço da idade, a percepção geral aproximada é de 20 Hz até 16 000 Hz (HIDAL, 2008).

A orelha externa é formada pelo pavilhão auricular que funciona como coletor de ondas sonoras pelo meato auditivo, tubo rígido que direciona as ondas mecânicas até a membrana timpânica que vibra em ressonância. A orelha média situada na cavidade do osso temporal com limite lateral na membrana timpânica e medial pela cóclea. Comunica-se com a tuba auditiva que se abre na nasofaringe e posteriormente na cavidade mastóidea. A trompa estabelece o equilíbrio da pressão em ambos os lados do tímpano. A conexão com a orelha interna é feita por dois orifícios chamados janela oval e janela redonda (NISHIDA, 2012).

Encontramos no ouvido médio um sistema de três ossículos articulados: o martelo, a bigorna e o estribo. O martelo liga-se com a membrana timpânica e a base do estribo acomoda-se sobre a membrana da janela oval. Se a membrana timpânica vibra em resposta às ondas sonoras, vibra também o martelo em ressonância e o sinal mecânico alcança a base do estribo. Em resposta, o estribo vibra empurrando a sua base para dentro da janela oval. A orelha interna está situada na porção petrosa do osso temporal e corresponde a uma estrutura de organização complexa formada pela cóclea e o sistema vestibular (NISHIDA, 2012).

As orelhas atuam na conversão de energia, ao transformar as diferentes pressões de ar conhecidas por ondas sonoras em impulsos nervosos eletroquímicos. Estas ondas, em geral apresentam complexos padrões de frequência, fazem o tímpano vibrar na mesma frequência, as vibrações alcançam o estribo por uma cadeia de ossículos tracionando a janela oval flexível da cóclea. Essa movimentação provoca ondas através da perilinfa no interior da cóclea que transfere a energia de vibração para o órgão de corti (HIDAL, 2008).

Na orelha interna o nervo coclear é responsável por conduzir os sinais nervosos ao cérebro, onde os sons são decodificados (RUI, 2007).

A relação estrutura função das três orelhas revela uma engenhosa solução que serve para superar a impedância física ar-líquido. Lembre-se de que quando o som se propaga do ar para a água uma significativa quantidade de onda é refletida (99%). Se não houvesse um mecanismo de compensação, seríamos todos meio surdos, pois as ondas mecânicas que vem do ar precisam ser transmitidas para dentro da cóclea cheia de líquido onde estão às células transdutoras (NISHIDA, 2012, p.76).

A exposição exagerada a sons intensos pode ocasionar danos irreversíveis ao sensível órgão de Corti, provocando doenças graves como neurose, insônia e, queda de produtividade física e mental. A Legislação Brasileira, na Norma Regulamentadora nº15 do Ministério do Trabalho Portaria3214/78, estabelece os limites de tolerância para ruídos contínuos ou intermitentes. Esses limites nos fazem perceber que os danos à audição não estão relacionados somente a intensidade do ruído, mas também ao tempo de exposição (RUI, 2007).

2.2 SURDEZ E A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

A deficiência auditiva é descrita no decreto supracitado, como perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um DB ou mais, e pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Libras.. Entretanto, para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Desse modo, os indivíduos surdos utilizarão diferentes mecanismos para transmissão de informações, como é o caso da comunicação não verbal, nacionalmente conhecida como Libras, que utiliza habilidades gestuais visuais para interação com outros indivíduos portadores ou não de necessidades especiais.

A junção do movimento das mãos com determinadas formas e lugares do corpo ou espaço, representam os sinais utilizados na comunicação. Os fonemas e algumas vezes os morfemas podem ser comparados as articulações das mãos, que adquirem significado de parâmetro, são eles: configuração das mãos, ponto de articulação, movimento, orientação e expressão corporal e/ou facial. A combinação destes parâmetros forma os sinais utilizados na Libras (RAMOS, 2006).

A linguagem oral e Libras não se opõem, apenas utilizam diferentes maneiras para a transmissão e recepção de comunicação, complementando-se. Os primeiros educadores de surdos aparecem no Século XVIII como o alemão Samuel Heineck, o Abade francês Charles Michel de L'Epée e o inglês Thomas Braidwood, mas só em 1755, em Paris, o Abade L'Epée criou a primeira escola pública para deficientes auditivos. Nesse período, surgia a técnica de comunicação por meio de sinais que apesar de adotar preceitos básicos mundiais, preserva as particularidades de cada país (DUARTE, 2013).

No Brasil, em 1856 o professor Ernest Huet, surdo francês que usou o alfabeto manual francês e alguns sinais para o Brasil, dando origem a língua brasileira de sinais. No ano seguinte, no dia 26 de setembro de 1857, foi fundado o Instituto dos Surdos-Mudos do Rio de Janeiro, e denominado o atual INES (MONTEIRO, 2006).

A oficialização da língua brasileira de sinais resultou de luta incessante da comunidade surda, aprovada e publicada no DOU, na forma do decreto nº 5.626, citado anteriormente. O que garante o acesso e o ensino de Libras, a formação de instrutores intérpretes e a presença de intérpretes em espaços públicos. Este fato reflete na inserção da Libras além das relações entre os indivíduos surdos e os ouvintes. É esperado o cumprimento da lei, bem como sua repercussão nas políticas públicas (DUARTE, 2013).

Para Aguiar e Marcucci (2009) a Libras assume importante papel no empoderamento do surdo por lhe possibilitar expor suas necessidades e construir a sua identidade frente à cultura dos ouvintes. A adaptação e apoio das instituições e espaços públicos e privados em função das diferenças e das necessidades individuais dos sujeitos com deficiência, bem como, o desenvolvimento de competências profissionais podem ser consideradas uma importante barreira a prestação do cuidado inclusivo (PAGLIUCA; MAIA, 2012).

2.3 ENFERMAGEM E A COMUNICAÇÃO COM OS PACIENTES SURDOS

A linguagem é considerada ferramenta de poder e aos deficientes auditivos não pode ser recusada a possibilidade de desfrutar dos benefícios de uma língua, assim, é um desafio

proposto à sociedade, aceitar a diferença surdo e conviver com a diversidade humana, englobando o adequado atendimento na área da saúde para os surdos, de acordo com suas necessidades (CHAVEIRO; BARBOSA, 2005).

Os serviços de saúde acolhem de maneira distinta cada indivíduo que apresenta características diferentes. O deficiente auditivo necessita de abordagem específica que lhe permita uma comunicação eficaz com perfeito entendimento entre ele próprio e o enfermeiro, caso não seja possível, a prestação da assistência de enfermagem seria prejudicada afetando a qualidade e até a segurança desse atendimento (AGUIAR; MARCUCCI, 2009).

A perda da função auditiva poderá influenciar o comportamento por ser considerado instrumento na oferta de apoio, conforto e informação, bem como, no aumento da confiança e auto-estima de um indivíduo. A maneira como ocorre este intercâmbio influenciará o comportamento dos atores envolvidos (PAGLIUCA; FIÚZA; REBOUÇAS, 2007).

O conhecimento dos aspectos históricos e socioculturais dos surdos por parte dos profissionais da saúde é fundamental para que a relação estabelecida entre eles seja satisfatória. A visão da surdez, nesse contexto, destaca-se pela diferença linguística e não pelas alterações orgânicas (DUARTE, 2013).

Apesar da Libras e outros recursos de expressão associados serem legalmente reconhecidos no processo de comunicação, não é obrigatório que os profissionais de saúde dominem ou a entendam. Por outro lado, os portadores de surdez que se comunicam utilizando a língua de sinais, apresentam gramática e vocabulário diferentes da língua portuguesa; assim, uma pessoa que nasceu surda, pode ser fluente em Libras mas não em português (CARDOSO; RODRIGUES; BACHION, 2006).

Para Chaveiro e Barbosa (2005, p.419) “Uma proposta de atendimento inclusivo na área da saúde envolve, portanto, um sistema que se identifique com princípios humanistas e cujos profissionais tenham um perfil que seja compatível com esses princípios”.

De acordo com a Carta dos direitos dos usuários da saúde, elaborada pelo Ministério da Saúde, quando houver limitação circunstancial na capacidade de atendimento do serviço de saúde, fica a cargo do gestor local a pronta resolução das condições para o acolhimento e devido encaminhamento do usuário do SUS, devendo ser prestadas informações claras ao usuário sobre os critérios de priorização do acesso na localidade por ora indisponível. A prioridade deve ser baseada em critérios de vulnerabilidade clínica e social, sem qualquer tipo de discriminação ou privilégio (BRASIL, 2006).

O Ministério da Saúde informa com base nos princípios de igualdade e de equidade, que a promoção da acessibilidade e inclusão social requer modificações da sociedade para que

todos, sem distinção de grupo, raça, cor, credo, nacionalidade, condição social ou econômica, possam ter qualidade de vida, sem exclusões. Quanto maior a convivência, sem discriminações, maior a inclusão (BRASIL, 2006).

3 METODOLOGIA

Este trabalho utiliza como método a revisão integrativa da literatura, a qual busca reunir e resumir publicações científicas sobre o tema investigado, por meio do qual é possível buscar, avaliar e sintetizar as evidências disponíveis para contribuir com o desenvolvimento do conhecimento na temática.

Segundo Mendes, Silveira e Galvão (2008) A revisão integrativa da literatura consiste na construção de uma análise ampla da literatura, contribuindo para discussões sobre métodos e resultados de pesquisas, assim como reflexões sobre a realização de futuros estudos. O propósito inicial deste método de pesquisa é obter um profundo entendimento de um determinado fenômeno baseando-se em estudos anteriores. É necessário seguir padrões de rigor metodológico, clareza na apresentação dos resultados, de forma que o leitor consiga identificar as características reais dos estudos incluídos na revisão.

Beneficiar adequadamente os significados atribuídos ao processo saúde/doença é de interesse privativo para quem se dedica a estudar aspectos da promoção, prevenção e assistência à saúde. Sob esta perspectiva destaca-se do sistema de saúde pública brasileiro, quando se procura atender a universalidade no cuidado e englobar grupos na população carentes de uma atenção sistemática. [...] pesquisas qualitativas em saúde são necessárias, na tentativa de captar e explorar essa realidade empírica processual, sempre em construção, cabendo aos pesquisadores procurar zelar pelo rigor científico (FONTANELLA; et al., 2011).

Na articulação da presente revisão integrativa as etapas baseadas na proposta de Ganong foram às seguintes: 1) elaboração de questão norteadora e objetivos da pesquisa; 2) Seleção de amostragem e definição de critérios de inclusão e exclusão das publicações; 3) busca na literatura e categorização dos estudos; 4) análise e classificação dos estudos; 5) exposição e discussão dos resultados alcançados e; 6) apresentação da revisão e síntese.

Para conduzir o estudo, fez-se o seguinte questionamento: Quais os principais desafios evidenciados na assistência de enfermagem ao paciente surdo?

Realizou-se entre agosto e outubro de 2015 a busca das publicações indexadas nas seguintes bases de dados: Base de Dados em Enfermagem (BDENF), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e, Medical Literature e Analysis and

Retrieval System Online (MEDLINE). Optou-se por estas bases de dados e biblioteca por entender que incluem periódicos conceituados da área da saúde.

Foi utilizado o cruzamento dos descritores: cuidados de enfermagem e Surdez; enfermagem e Libras; surdez e estratégias de comunicação. Destaca-se que foi utilizado “AND” entre os descritores, como operador booleano, para melhor atender as especificidades da pesquisa. Após atribuir os critérios de inclusão ao filtro emergiram respectivamente 15 artigos (dos quais apenas 06 atendiam ao tema); 06 (dos quais apenas 01 atendia ao tema) e 04 (dos quais apenas 01 atendia ao tema), constituindo o universo de 08 artigos.

Os critérios de inclusão utilizados foram: publicações de artigos científicos em língua portuguesa disponíveis na íntegra, realizados entre os anos de 2010 e 2014, que abordassem o processo relacional entre o enfermeiro e o portador de surdez. Como critérios de exclusão consideram-se publicações que não contemplem o período e idioma estabelecidos, que não estejam disponíveis na íntegra ou que apresentem fuga ao tema proposto.

Embora o número de publicações selecionadas seja limitado, apresentam dados valiosos, que nos permitem acessar a realidade enfrentada pelo surdo mediante os profissionais de enfermagem nos diversos serviços de saúde.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após delineamento e aplicação metodológica, oito artigos foram selecionados (ver quadro 01) e sistematizados em três categorias empíricas: Dificuldades que permeiam o processo de comunicação; formas de linguagem predominantes na interação profissional-paciente surdo; e preparo profissional para atuar junto ao surdo.

Quadro 1: Resultado da busca na literatura, Natal, RN, 2015

Biblioteca Virtual em Saúde				
Descritores associados ao operador booleano “AND”	Total de artigos	Total de artigos após critérios de inclusão	Total de artigos selecionados	Base de dados
Cuidados de enfermagem AND surdez	214	15	06	BDENF (04) LILACS (01) MEDLINE (01)
Enfermagem AND Libras	11	06	01	LILACS (01)
Surdez AND estratégias de comunicação	55	04	01	LILACS (01)
Total de estudos utilizados				08

Fonte: Produzido pela autora/ 2015.

Visando proporcionar melhor clareza e compreensão dos aspectos relacionados ao estudo. Uma visão geral dos artigos selecionados se dispõe no quadro sinóptico a seguir:

Quadro 2:Quadro sinóptico dos artigos selecionados, Natal, RN, 2015 (Continua)

Base de dados	Autor	Título	Resultados	Conclusão
BEDENF 2010	Corrêa, CS Et al	O despertar do enfermeiro em relação ao paciente portador de deficiência auditiva	Discorreu-se sobre as seguintes categorias: Identificação dos problemas vivenciados pelo deficiente auditivo nos serviços de saúde e a importância da comunicação do enfermeiro com o paciente surdo interferindo na qualidade da assistência.	Revela falta de preparo e compreensão dos profissionais, e de intérpretes. Evidencia a linguagem não verbal como recurso de comunicação. Informa o dever do enfermeiro em desvelar e corrigir as dificuldades do surdo, frente aos princípios doutrinários do SUS.
LILACS 2010	Britto, FR Samperiz, MMF	Dificuldades de comunicação e estratégias utilizadas pelos enfermeiros e sua equipe na assistência ao deficiente auditivo	Dificuldade em explicar assunto de interesse do paciente foi relatada por 66% dos profissionais e, para 32%, dificuldade em entender o paciente a partir da sua forma de comunicação. A estratégia de comunicação utilizada por 100% dos pesquisados foi mímica, leitura labial usada por 94%, auxílio do acompanhante por 65% e escrita por 42%. Somente 1% usa Libras.	As dificuldades encontradas e as estratégias utilizadas pela equipe de enfermagem na comunicação com pacientes deficientes auditivos justificam a necessidade de capacitar esses profissionais para promover uma assistência humanizada no contexto de uma sociedade mais inclusiva para portadores de necessidades especiais.
LILACS 2011	Bentes, IMS Vidal, ECF Maia, ER	Percepção da pessoa surda acerca da assistência à saúde em um município de médio porte: estudo descritivo exploratório	Observa-se que as principais facilidades/dificuldades apresentadas pelos sujeitos são: dependência do acompanhante; processo comunicativo na relação com o serviço e profissionais; gestão da oferta do serviço e capacitação profissional.	Observou-se a necessidade de capacitação de profissionais e organização dos serviços para o atendimento à saúde dos surdos, promovendo autonomia e assegurando atendimento adequado na rede de serviços locais.

BDENF 2013	Machado, WCA et al	Língua de sinais: como a equipe de enfermagem interage para cuidar de clientes surdos?	F possível verificar que 21 profissionais (57%) nunca prestaram cuidados a clientes surdos. 16 (43%) já haviam prestado cuidados aos clientes surdos. 12 (46,15%) fazem referência ao uso da mímica; 4 (15,38%) menções ao uso da leitura labial; 8 (30,77%) referências ao uso da escrita; 1 (3,85%) referência ao uso do desenho; e 1 (3,85%) menção ao intérprete.	Profissionais de enfermagem precisam habilitar-se através de disciplinas específicas e programas de ensino da área, assim, futuras gerações de enfermeiros e equipe estarão aptas a prestar cuidados dignos a essas pessoas. Ao enfermeiro, cabe avançar nos fundamentos básicos da comunicação verbal e não verbal, com vistas no atendimento e educação das pessoas surdas.
BDENF 2014	Miranda, RS Shubert, CO Machado, WCA	A comunicação com pessoas com deficiência auditiva: uma revisão integrativa	Foram selecionados 19 artigos e agrupados nas seguintes categorias: estratégias de comunicação; formação profissional; relacionamento do profissional com o surdo e sugestões para melhoria da comunicação entre surdo e profissional de saúde.	Os estudos evidenciaram que a comunicação com surdo é um desafio para os profissionais. Os enfermeiros devem avaliar cada indivíduo, onde, alguns dominam o português, outros a leitura labial, Libras. Buscando atender e respeitar sua individualidade.
BDENF 2014	Aragão, JS et al	Acesso e comunicação de adultos surdos: uma voz silenciada nos serviços de saúde	Os principais fatores que motivaram 25% não buscarem serviços de saúde foram: não precisar (88,8%) e não ter ninguém para acompanhar (44,4%). Todos referiram dificuldade de comunicação com profissionais, e auxílio de um familiar (86,1%) a alternativa mais utilizada.	O acesso dos surdos nos serviços de saúde é permeado por dificuldades, sendo a dificuldade da comunicação não verbal um dos principais fatores que fragiliza a inclusão desses sujeitos.
LILACS 2014	Dantas, TRA et al	Comunicação entre a equipe de enfermagem e pessoas com deficiência auditiva	Foram discutidas as categorias: Percepção da equipe de enfermagem acerca da comunicação com pessoas com deficiência auditiva; dificuldades e facilidades na comunicação; estratégia utilizada pela equipe de enfermagem para se comunicar; sugestões para melhorar a comunicação.	Os profissionais expressaram suas dificuldades de estabelecerem uma comunicação com pacientes que apresentam deficiência auditiva, devido à falta de capacitação, por não conhecerem a Libras e pela ausência de intérprete na instituição.
MEDLINE 2014	Rodrigues, SCM Damião, GC	Ambiente Virtual: auxílio ao atendimento de enfermagem para surdos com base no protocolo de Atenção Básica	Os pacientes e enfermeiros avaliam positivamente em relação à funcionalidade, o AV foi considerado apropriado para garantir o apoio ao atendimento de pacientes surdos. Essa ferramenta propiciou interação entre enfermeiro e paciente facilitando a comunicação.	Com a implantação deste Ambiente Virtual, conseguiu-se avaliar os hábitos dos indivíduos surdos e determinar o grau de risco de serem acometidos por enfermidades crônicas como o Diabetes e a Hipertensão, oferecendo qualidade de vida melhor a esses pacientes.

4.1 DIFICULDADES QUE PERMEIAM O PROCESSO DE COMUNICAÇÃO

Bentes, Vidal e Maia (2011) expõem em seu trabalho que as dificuldades encontradas pelas pessoas surdas na busca aos serviços de saúde estão associadas à: dependência do surdo para assistência nos serviços de saúde; dificuldades no processo de comunicação ou no próprio sistema de saúde em assistir a pessoa surda e problemas na qualificação profissional.

Para Miranda, Shubert e Machado (2014) as imposições para adequação ao sistema são significantes e, não alcançadas geram exclusão. O relato dos surdos revela necessidade de serem compreendidos pelos profissionais. A falta de intérpretes dificulta a assistência e constitui um fator complicador na vida das pessoas com surdez [...] essa carência nos serviços de saúde é uma realidade que faz recair sobre os familiares a responsabilidade de intervir na interação entre profissional de enfermagem e paciente surdo (CORRÊA; et al., 2010).

Segundo Rodrigues e Damião (2014) o problema mais sério é o adiamento do atendimento médico, provocando um sofrimento evitável e o risco de complicações da doença pela falta de comunicação entre o paciente, o médico e a enfermeira. Isto acontece pelo desconhecimento da língua de sinais por parte dos profissionais e pela falta de intérprete ou familiar para acompanhar o surdo. Embora o profissional invista em algumas formas de comunicação gestual imaginando se aproximar da Libras, fica explícita a dificuldade do paciente na compreensão do que estava sendo solicitado (MACHADO; et al., 2013).

Britto e Samperiz (2010) enfatizam que a equipe de enfermagem enfrenta dificuldades no que diz respeito à emissão/recepção da informação prestada aos deficientes auditivos. Alguns profissionais percebem a carência existente no atendimento ao surdo, seja pela ausência da Libras em sua formação, ou pela falta de alfabetização do usuário, seja em libras ou língua portuguesa, convergindo para uma desarticulação mútua que inviabiliza o cuidado (DANTAS; et al., 2014).

As barreiras da comunicação repercutem no acesso aos serviços de saúde e na qualidade de vida do surdo, pois enfrentam maior dificuldade de inclusão na sociedade quando comparados com as pessoas com deficiência física e visual, visto que a audição é fundamental para obtenção e uso da linguagem por meio oral. Essa falta de acessibilidade no âmbito da atenção primária pode gerar fragilidades no processo de promoção, prevenção e educação em saúde (ARAGÃO; et al., 2014).

4.2 FORMAS DE LINGUAGEM PREDOMINANTES NA INTERAÇÃO PROFISSIONAL-PACIENTE

O cuidado e a educação em saúde são responsabilidades da equipe de enfermagem, com intuito de atender às necessidades biopsicossociais e espirituais do paciente. Essa atenção a saúde deve contemplar a reabilitação, assim como prevenção e promoção a saúde (DANTAS; et al., 2014).

A comunicação com os clientes é considerada um processo fundamental não apenas para a identificação de sinais, sintomas e problemas que o acometem, mas também para o desenvolvimento da comunicação terapêutica, a qual mostra o comprometimento dos profissionais com os pacientes (BRITTO; SAMPERIZ, 2010).

As estratégias de linguagem utilizadas na interação com o indivíduo surdo são discutidas em todos os trabalhos selecionados para a pesquisa, contudo, apenas alguns artigos possibilitam a saturação de informações a esse respeito (Gráfico 1).

Para Britto e Samperiz (2010), as estratégias utilizadas, considerando-se tanto os enfermeiros quanto os técnicos em enfermagem, a totalidade (100%) respondeu utilizar a mímica durante o atendimento ao deficiente auditivo, (94%) leitura labial. O auxílio do acompanhante (65%) e a escrita (42%). Somente (1%) se comunicou por meio de LIBRAS e 2% por meio de outras formas de comunicação.

Machado et al (2013) informa em seus resultados que 12 profissionais de enfermagem (46,15%) relatam uso da mímica; 4 (15,38%) mencionam a leitura labial; 8 (30,77%) referenciam a escrita; 1 (3,85%) referência ao uso do desenho; e 1 (3,85%) menção à ajuda de intérprete para se comunicar com clientes surdos.

Aragão et al (2014) identificou que as estratégias de comunicação mais utilizadas foram: mímica (25%); leitura labial (22,2%); auxílio de acompanhante (86,1%); escrita (27,7%); intérprete (13,8%); e que apenas (2,7%) referiu se comunicar por meio de Libras (ARAGÃO; et al., 2014).

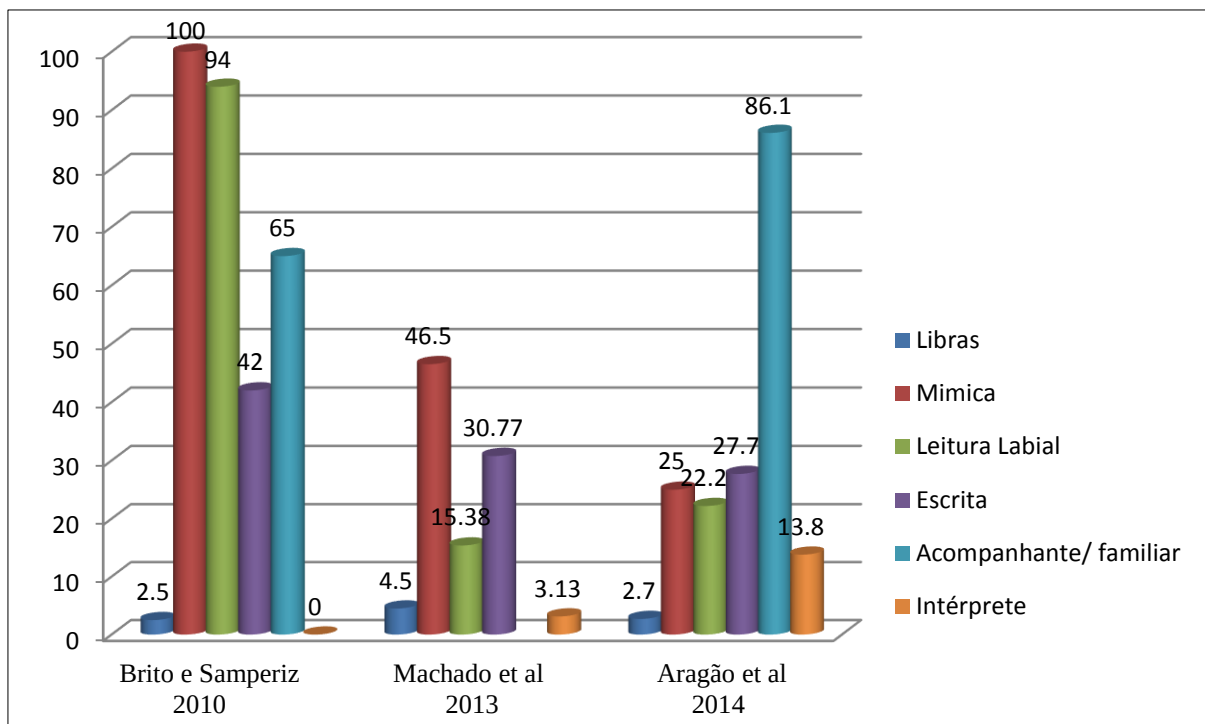


Gráfico 1: Formas de linguagem predominantes, Natal, RN, 2015

Fonte: Produzido pela autora/ 2015

Técnicas de linguagem não-verbais como, por exemplo, leitura labial, Libras, mímica, gravuras, escrita, acompanhante na maior parte do tempo de internação do paciente e a expressão corporal, podem beneficiar a comunicação terapêutica da equipe com o paciente. Contudo, estudos mostram que há falhas na interação com os pacientes portadores de deficiência auditiva quando utilizadas de forma aleatória, justificando a necessidade de atenção e treinamento específico em Libras visando não comprometer a assistência (BRITTO; SAMPERIZ, 2010).

O domínio da comunicação não-verbal instrumentaliza o profissional para uma assistência de melhor qualidade, ao passo que compreende com maior abrangência as informações emitidas por seus clientes, ampliando sua capacidade de atender as necessidades por eles apresentadas (CORRÊA; et al., 2010).

4.3 PREPARO PROFISSIONAL PARA ATUAR JUNTO AO SURDO

Segundo Dantas; et al.(2014, p.171) “a comunicação é imprescindível para a socialização e a compreensão entre as pessoas, é um instrumento indispensável para uma assistência qualificada da equipe de enfermagem”,contudo, o despreparo, impaciência, incompreensão e falta de inclinação dos profissionais de enfermagem para com o cliente

surdo caracterizam uma das principais barreiras vivenciadas, dificultando ou impedindo a abordagem e tratamento adequado (CORRÊA; et al., 2010).

Para Machado et al. (2013) a falta de domínio ou desconhecimento da Libras é o principal fator que compromete a interação dos profissionais com os surdos. Esse despreparo dos profissionais de saúde associa-se a fatores culturais que precisam ser desmistificados.

Na pesquisa de Britto e Samperiz (2010) quando questionados sobre o momento adequado a capacitação para prestar assistência e cuidados aos portadores de necessidades especiais, 37 enfermeiros (100%) assinalaram que durante a graduação, 46 técnicos em enfermagem (77%), concordaram que deveria ocorrer durante o exercício profissional, enquanto 14 (23%) assinalaram tanto na formação acadêmica quanto durante o exercício profissional. Nenhum dos entrevistados respondeu que a capacitação deveria ocorrer por iniciativa própria, através de especialização ou outros (ver gráfico 2).

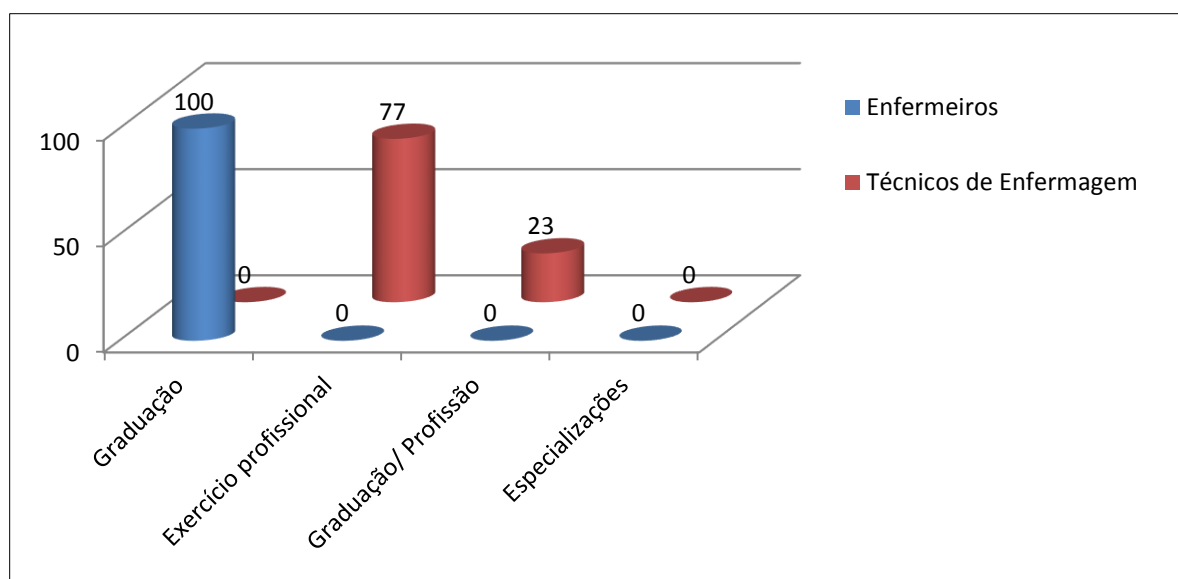


Gráfico 2: Período adequado a capacitação para atuar com deficientes na opinião dos profissionais de Enfermagem, Natal, RN, 2015
Fonte: Produzido pela autora/ 2015

Aragão et al.(2014) afirma que esses profissionais buscam diversas formas de relacionar-se, no intuito de proporcionar o bem-estar e transmitir maior confiança, mas, o sucesso é limitado pela falta de preparo desde a sua formação acadêmica. Por isso, mostraram-se inseguros ao se relacionarem com os surdos pela falta de habilidade em transmitir a informação sobre sua saúde.

Conquanto, trabalhos recentes apontam falta de domínio dos profissionais de enfermagem para com o processo de comunicação com deficientes auditivos. Conceitua-se indispensável construir competências no âmbito da formação acadêmica para comunicar-se

efetivamente, haja vista a obrigatoriedade da disciplina de LIBRAS para os acadêmicos da área de saúde e educação em conformidade a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (BENTES; VIDAL; MAIA, 2011).

5 CONCLUSÃO

Os resultados obtidos permitem concluir que os principais desafios enfrentados pelos profissionais de enfermagem na interação com o deficiente auditivo estão pautados na falta de preparo profissional para esta finalidade através da Libras, na ausência de intérpretes nos serviços de saúde, na ineficácia de métodos alternativos como leitura labial, escrita e gestos, e na inexistência de recurso tecnológico reconhecido e de amplo uso.

A Libras, apesar de ser a segunda língua oficial do Brasil desde o ano de 2002, ainda enfrenta uma diversidade de barreiras para se firmar como conhecimento, sendo necessário um esforço conjunto que permita transpor os obstáculos evidenciados nos estudos revisados.

Nesse contexto, fazem-se necessário o aprimoramento das ferramentas metodológicas para sistematização da assistência em saúde que permitam maior domínio da comunicação não verbal pela equipe de enfermagem e demais profissionais de saúde; inclusão de projetos pedagógicos inserindo componentes direcionados à assistência dos surdos, além da disponibilização da Libras.

Assim, estudos com este cunho podem contribuir com o fortalecimento da temática, por evidenciar a necessidade de expansão e aprimoramento por parte dos profissionais de enfermagem em relação aos conhecimentos em Libras, e por acrescentar informações sobre uma prática assistencial de enfermagem mais humanizada.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, F.S.; MARCUCCI, R.M.B. Uso da Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS) na comunicação enfermeiro-paciente portador de deficiência auditiva. **Revista Enfermagem UNISA**, p. 144-148, 2009. Disponível em: <<http://www.unisa.br/graduacao/biologicas/enfer/revista/arquivos/2009-2-08.pdf>>. Acesso em: 22 Fev. 2015.
- ARAGÃO, J. S. et al. Acesso e comunicação de adultos surdos: uma voz silenciada nos serviços de saúde. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 1-7, jan. 2014. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/2989>>
- ARAÚJO, C. C. J. **Consulta de enfermagem às pessoas surdas**: Uma análise contextual. 2013. 21f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em enfermagem), Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba.

BENTES, I. M. S.; et al. Percepção da pessoa surda acerca da assistência à saúde em um município de médio porte: estudo descritivo-exploratório. **Online Brazilian Journal of Nursing**, Niterói (RJ), v. 10, n.1, p. , May 2011. Disponível em: <<http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/j.1676-4285.2011.3210.2>> Acesso em: 07 out. 2015.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em: 10 set. 2015

_____. Ministério da Saúde. **Carta dos direitos dos usuários da saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 8 p. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/biblioteca/livros/cartaaosusuarios02.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2015.

_____. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a língua brasileira de sinais - libras, e o art. 18 da lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>. Acesso em: 10 set. 2015.

_____. **Cartilha do Censo 2010**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Brasília: SDH-PR/SNPD, 2012. Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/cartilha-censo-2010-pessoas-com-deficiencia-reduzido.pdf>> Acesso em: 18 out. 2015.

BRITTO, F. R.; SAMPERIZ, M. M. F. **Dificuldades de comunicação e estratégias utilizadas pelos enfermeiros e sua equipe na assistência ao deficiente auditivo**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em enfermagem) na Faculdade de Enfermagem do Hospital Israelita Albert Einstein – HIAE, São Paulo, 2010 V.8(1)jan.-mar. Acesso em: 07 out. 2015.

CARDOSO, A.H.A.; RODRIGUES, K.G.; BACHION, M.M. percepção da pessoa com surdez severa e/ou profunda acerca do processo de comunicação durante seu atendimento de saúde. **Revista Latino-am Enfermagem**. São Paulo, v.14. n.4. 2006.

CHAVEIRO, N.; BARBOSA, M.A. Assistência ao surdo na área de saúde como fator de inclusão social. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 417-422, dez. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342005000400007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 fev. 2015.

CORREA, C. S.; et al. O despertar do enfermeiro em relação ao paciente portador de deficiência auditiva. **Rev. de Pesq.: cuidado é fundamental Online**, Rio de Janeiro: UNIRIO, 2010. V.2 (2):758-769. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/490>> Acesso em: 07 out. 2015.

DANTAS, T. R. A.; et al. Comunicação entre a equipe de enfermagem e pessoas com deficiência auditiva, **Rev. Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro. 2014, mar/abr: v.22, n.2, p169-74. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v22n2/v22n2a04.pdf>> Acesso em: 18 out. 2015.

DUARTE, S.B.R. ; et al. Aspectos históricos e socioculturais da população surda. **História, ciências, saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.20, n.4, p.1713-1734, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702013000401713&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 fev. 2015.

FONTANELLA, B. J. B; et al. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica Sampling in qualitative research: a proposal for procedures to detect

theoretical saturation. **Caderno de Saúde Pública**, v. 27, p. 389-394, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/csp/v27n2/20.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2015.

HIDAL, L B.T.;et al. **Atlas do corpo humano**. São Paulo: Abril, 2008.

MACHADO, W. C. A.; et al. Língua de sinais: como a equipe de enfermagem interage para cuidar de clientes surdos?. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro: UNIRIO, 2013, v. 5, n. 3, p. 283-292, jun... Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/2065>> Acesso em: 15 Set. 2015.

MENDES, K.D.S.; SILVEIRA, R.C.C.P.; GALVAO, C.M. **Revisão integrativa**: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. Texto contexto - enferm., Florianópolis, v. 17, n. 4, Dec. 2008. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>. Acesso em 17 Set. 2015.

MIRANDA, R. S.; SHUBERT, C. O.; MACHADO, W. C. A. A comunicação com pessoas com deficiência auditiva: uma revisão integrativa **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, [S.l.], v. 6, n. 4, p. 1695-1706, oct. 2014. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/3204>> Acesso em: 08 out. 2015

MONTEIRO, M.S. Histórias dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da Libras no Brasil. **ETD:Educação Temática Digital**, Campinas, v.7, n.2, p. 292-302, 2006. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4856350>> . Acesso em: 22 fev. 2015.

NISHIDA, S. M. Sentido da audição e do equilíbrio. In: **Apostila do curso de fisiologia – Unesp**, São Paulo, 2012. p 75 – 80. Disponível em: <http://www.ibb.unesp.br/Home/Departamentos/Fisiologia/Neuro/07.sentido_audicao_equilibrio.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2015.

PAGLIUCA; L.M.F.; FIÚZA, L.M.G.; REBOUÇAS, C.B.A. Aspectos da comunicação da enfermeira com o deficiente auditivo. **Rev. Esc. Enfermagem.USP**, São Paulo, v.41, n.3, p. 411-418, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342007000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 fev. 2015.

PAGLIUCA, L.M.F.; MAIA, E.R. Competência para prestar cuidado de enfermagem transcultural à pessoa com deficiência: instrumento de autoavaliação. **Rev.bras.enferm.** Brasília, v.65, n.5, p. 849-855, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672012000500020&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 fev. 2015.

RAMOS, C.R. **LIBRAS**: a língua de sinais dos surdos Brasileiros, Petrópolis–RJ, Editora Arara Azul, 2006. Disponível em: <<http://editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo2.pdf>>. Acesso em: 06 Dez. 2014.

RODRIGUES, S.C.M; DAMIAO, G.C. Ambiente virtual: auxílio ao atendimento de enfermagem para surdos com base no protocolo de atenção básica. **Rev. esc. enferm.** USP, São Paulo, v. 48, n. 4, p. 731-738, ago. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342014000400731&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 out. 2015.

RUI, L.R. **A física na audição humana**, Porto alegre: UFRGS, Instituto de Física, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Física, 2007.v.8, p. 7-23.